

## **LER COM PRAZER, ESCREVER SEM MEDO: HABILIDADES LINGUÍSTICAS EM LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS**

Ormezinda Maria RIBEIRO  
Viviane Cristina Sebba RAMALHO  
Universidade de Brasília-UnB

### Resumo

Apresentamos o curso de extensão promovido pelo Fórum Permanente de Estudantes-FPE da GIE/CESPE/UnB, e Departamento de Linguística e Língua Portuguesa, destinado ao aperfeiçoamento da competência linguística de jovens do 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio, visando sua preparação para avaliações de ingresso na universidade e melhor desempenho nas atividades acadêmicas. Ofertado em junho de 2011, teve como público-alvo 900 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e de 1º a 3º anos do Ensino Médio de escolas públicas do Distrito Federal. A divulgação ocorreu por meio do envio de cartazes para as escolas do DF e entorno e por mala direta aos estudantes já cadastrados no FPE. As vagas foram preenchidas e distribuídas em 24 turmas, sob responsabilidade de 64 alunos das disciplinas de Estágio docente em Português, sob nossa orientação. Esses estagiários, formando duplas, realizaram o planejamento e elaboração dos materiais didáticos usados nas aulas que contaram com a observação e registro de 64 alunos da Disciplina de Estágio Supervisionado em Português 1. As principais teorias que fundamentam nossas reflexões sobre a necessária e produtiva articulação ensino-pesquisa-extensão no ensino-aprendizagem de língua materna são de base sociolinguística, sociointeracional e sociodiscursiva, para as quais as práticas de letramento se inserem em amplos processos sociais, e são responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições, padrões de poder presentes no contexto social. Este curso enfatizou a criatividade e o processo de autoria, visando preparar os alunos da Educação Básica para a produção de textos exigida nos exames e também para a vida cotidiana. Além disso, promoveu o intercâmbio de ações entre estudantes universitários e estudantes da Educação Básica, visando à melhoria da qualidade do ensino e a autonomia na formação dos licenciandos em Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Língua; Formação Inicial; Texto; Ensino.

### Resumen

Se presenta el curso de extensión auspiciado por el Foro Permanente de Estudiantes de la FPE-GIE / CESPE / UNB, y el Departamento de Linguística e Língua Portuguesa, destinado a mejorar la competencia lingüística de los jóvenes de grado 9 en la escuela primaria y secundaria, con el objetivo su preparación para entrar en las evaluaciones de la universidad y el rendimiento en las actividades académicas. Presentado en junio de 2011, tuvo la audiencia de 900 estudiantes en el 9º año de la escuela primaria y de 1 a 3 años de educación secundaria en las escuelas públicas en el Distrito Federal. La revelación se produjo mediante el envío de carteles a las escuelas y en todo el DF y enviar por correo a los estudiantes ya inscritos en la FPE. Las vacantes se llenaron y se distribuye en 24 clases, 64 alumnos bajo la responsabilidad de las disciplinas de la enseñanza de prácticas en portugués, bajo nuestra dirección. Estos aprendices para formar parejas de realizar la planificación y elaboración de

materiales didácticos utilizados en las clases que se basaban en la observación y el registro de 64 estudiantes en el departamento de una supervisada en portugués. Las principales teorías que subyacen en nuestro pensamiento acerca de la necesaria y productiva de enseñanza-investigación-extensión en la enseñanza y el aprendizaje de la lengua es básica sociolingüística, y sociointeraccional sociodiscursiva, para lo cual las prácticas de alfabetización están integrados en procesos sociales más amplios, y son responsable de la mejora o la pregunta de los valores, las tradiciones, los patrones de poder actual en el contexto social. Este curso hace hincapié en proceso de la creatividad y la autoría, destinado a preparar a los estudiantes para la educación básica para la producción de textos en los exámenes requeridos y también para la vida cotidiana. Además, se promovió el intercambio de acciones entre los estudiantes universitarios y estudiantes de educación básica, con el objetivo de mejorar la calidad de la educación y la autonomía en la formación de los estudiantes en portugués.

Palabras clave: Lenguaje, Formación Inicial, texto, enseñanza.

### **Introdução**

Há que se implementar modificações estruturais nos centros de formação docentes em todos os níveis: cursos de magistério, licenciatura em Letras e, sobretudo, efetivar a formação permanente por meio de seminários de atualização e aprofundamento das questões que envolvem o ensino de língua materna visando à reflexão e a busca de uma melhor formação teórica. (Ribeiro, 2002, p. 306-7)

Diferentes concepções de língua resultam em diferentes práticas pedagógicas. Considerar o texto como unidade de trabalho no processo ensino e aprendizagem em Língua Portuguesa enfatiza a natureza da língua como atividade dialógica e simbólica. Por isso, é necessária uma mudança de postura do professor em direção ao compromisso de construção social que se estabelece entre os agentes do processo educativo. E essa mudança deve iniciar, necessariamente, já nos cursos de licenciatura. Essa é a proposta dos cursos de leitura e produção de textos ministrados pelos alunos de Estágio da Licenciatura em Letras da Universidade de Brasília, com o apoio do Fórum Permanente de Estudantes-FPE da Gerência de interação Educacional- GIE do CESPE/ UnB.

O FPE foi criado em setembro de 1999, como forma de interação entre a Educação Básica e a Universidade. Por meio dele, alunos dos cursos de licenciatura da UnB, como parte de sua formação profissional docente, ministram minicursos, sob a supervisão de um professor, aos estudantes do Ensino Médio com abordagens prioritariamente interdisciplinares, o que propicia um aprendizado voltado para o dia a dia dos estudantes e para o mundo que os cerca.

Inserir-se este trabalho em um conjunto de ações desencadeadas pelo FPE, a partir da prática de ensino realizada por estagiários dos cursos de Letras da UnB, orientada por professores supervisores das disciplinas de estágio do Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Para além da descrição da prática de ensino de Língua Portuguesa, são tecidas reflexões que têm assumido significativa relevância nas discussões atuais sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, no âmbito da formação inicial nos cursos de Letras. Incluem-se aqui uma série de reflexões pessoais acerca do assunto.

Nos últimos anos, muito se tem discutido, acerca da natureza e abrangência do objeto a ser ensinado nas escolas sob o título de Língua Portuguesa. Sobre essa temática vários autores têm se posicionado e várias pesquisas têm instigado a reflexão que muitas vezes não evolui para o aspecto prático. Conforme provoca Ilari 1985, p.

Haverá muito o que mudar, antes que o ensino de Português possa ser o que deve- um processo no qual o professor e os alunos entre si, se enriquecem reciprocamente compartilhando sua experiência vivida de língua (...). Mas a mudança virá daqueles que vivem o ensino, não daqueles que especulam sobre ele. De dentro.

Entendendo que a mudança não pode ser tão somente de uma concepção que não redunde em uma prática coerente e que não pode apenas fazer parte de um acervo teórico pensado por especialistas no assunto, o planejamento do Curso “Ler com prazer e escrever sem medo: habilidades linguísticas em leitura e produção de textos” foi feito por todos os atores do processo: estagiários do curso de Letras, professores supervisores da disciplina e equipe de apoio do FPE.

O curso intenciona promover o desenvolvimento das habilidades linguísticas necessárias à formação do leitor e produtor de textos, neste caso, o candidato ao ingresso na Universidade. Mas antes trabalha essas e outras habilidades na formação do professor que irá ministrar as aulas, de modo a prepará-lo para a ministração das aulas, propiciando-lhe a autonomia e a segurança necessária ao exercício do magistério.

### **I- Primeira habilidade: extrapolar conceitos**

Os conceitos básicos que servem de ligação entre a pesquisa teórica e a prática do professor especialmente no que diz respeito à prática de leitura e produção de textos, e os princípios

teóricos que norteiam esta proposta originam-se na Linguística Sociointeracionista, acrescentando-se as contribuições da Análise do Discurso (AD) e da Linguística Textual (LT).

Pela visão teórica aqui assumida, a leitura é reconhecida como um processo que transcende ao próprio texto. A compreensão do texto, que se pretende ideal, implica a percepção das relações entre texto, contexto e intertexto. A leitura, nessa concepção, não está presa somente à palavra, mas a todo um mundo subjacente a ela, que vai sendo construído, antes mesmo de sua convenção. O que é mister considerar também o que não é imanente ao texto, mas que o circunda, tecendo a sua rede de significações.

Ribeiro (2005, p. 228) constata que a prática de leitura na escola fracassa justamente pela forma como é operacionalizada. Para essa autora:

A leitura do texto, quando não é pretexto para se ensinar gramática normativa, é trabalhada linearmente, com a decodificação de conteúdos a serem avaliados. A escola não contribui no sentido de explicar os usos e funções da escrita, além de não estimular a leitura de maneira conveniente. As diversidades de práticas discursivas que caracterizam as várias formas de leitura são, pois, reduzidas às de prestígio na tradição escolar, ou seja, não há uma preocupação em preparar o aluno para compreender as várias possibilidades de expressão linguística nas suas mais diversas variedades. Tais práticas não estão voltadas para a concretização de um pressuposto geral básico que é o da articulação entre função social da leitura e o papel da escola na formação do leitor. No lugar de se trabalhar a produção de sentido, a crítica, a interação, dá-se espaço apenas à autoridade da voz do professor que perpetua a escola como o lugar privilegiado do repasse do conhecimento, compelindo o aluno a escutar, copiar e reproduzir.

Ribeiro (2005, p. 227) destaca, ainda que a boa formação dos textos passa pela gramática e não somente porque o texto é composto por frases que têm uma estrutura gramatical, mas porque é na produção linguística que o falante joga todo o domínio dos processos de mapeamento conceptual e de síntese textual, dependendo, portanto, de uma “gramática” que proceda a essa organização. Assim, para se expressar bem em uma língua, é necessário mais do que o domínio do modo de estruturação de suas frases, é preciso saber combinar essas unidades sintáticas por meio de um agenciamento sintagmático, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução. E isso tudo se integra na gramática.

Isso implica criar uma atitude que faz do ensino de Língua Portuguesa uma procura de coerência: as proposições estão em função de um significado, e devem ser interpretadas em função desse significado; as escolhas linguísticas do autor não são aleatórias, mas são aquelas

que, na sua visão, garantem a coerência de seu discurso e esse discurso tem uma forma na estrutura linguística, o que deve ser percebido pelo estudante, não apenas decorado, ou repetido.

Como a escrita está intimamente associada à leitura, são processos simultâneos e interdependentes, ou seja, a leitura interage na escrita e a escrita interage na leitura, o aluno descobrirá que escrever significa operar escolhas linguísticas de modo a expressar seu pensamento com organização, clareza e adequação, na modalidade escrita da língua. Somente encarando o ensino da gramática como um processo simultâneo e concomitante ao ensino de leitura é que se poderá permitir ao aluno o desenvolvimento da habilidade de leitura crítica, ampliando sua capacidade de pensar e refletir, com conteúdos programáticos aprofundadores capazes de desenvolver plenamente sua competência comunicativa.

Dessa forma, as aulas de orientação que antecederam o planejamento do curso tiveram a seguinte dinâmica:

- 1- exposição dos aspectos teóricos que subjazem à prática educativa, sem, contudo, privilegiar a teoria;
- 2- organização de grupos de estudo e/ou oficinas que possibilitaram a troca de experiências entre os estagiários;
- 3- análise e discussão dos relatos no grupo de estudos, com vistas à ampliação e/ou reformulação das estratégias adotadas;
- 4- escrita e socialização dos textos entre os grupos;
- 5- planejamento das aulas;
- 6- organização e montagem das coletâneas a serem usadas nas aulas do curso.

Nessa perspectiva Ribeiro recomenda aos professores em formação, durante a sua preparação para a elaboração dos recursos didáticos para as aulas do curso que ministrarão e para a orientação aos alunos da Educação Básica a fim de que percebam que:

(...) o estudo do texto é proposto na perspectiva de sua organização da sua tessitura e que evidencia os elementos da língua, como os operadores discursivos e os itens linguísticos responsáveis pelo estabelecimento de relações entre a língua e o pensamento, de como se articulam os mecanismos e traços linguísticos que servem de suporte à construção do quadro da língua. (RIBEIRO, 2005, p. 227)

## **II- Segunda habilidade: despertar o prazer**

### **a) de planejar**

Em nossa prática docente nas várias disciplinas ministradas nos cursos de graduação, sobretudo aquelas que enfocam a formação do leitor e produtor de textos, nos cursos de Letras da Universidade de Brasília, buscamos sempre despertar no aluno o prazer de ler e a busca da autonomia no processo de autoria, sem perder de vista a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Essa forma de encarar a leitura, seu processo e suas idiossincrasias fez com que procurássemos passar a experiência docente como supervisores das disciplinas de estágio aos alunos sob nossa orientação.

Em linhas gerais, procuramos levar nossos alunos a colocar em prática os conhecimentos sobre leitura e produção textual, fazendo com que eles atuem no processo de planejamento, escrita, revisão e reescrita de textos por estudantes da Educação Básica, matriculados no curso ofertado pelo FPE.

O curso “Ler com prazer e escrever sem medo” atendeu a aproximadamente 800 estudantes da educação básica, matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio e foi planejado para atingir os seguintes objetivos:

- a) promover práticas de ensino-aprendizagem que visem ao aperfeiçoamento das competências linguísticas de estudantes do Ensino Médio, tendo em vista seu futuro profissional e sua preparação para processos seletivos e exames nacionais;
- b) favorecer, ao licenciando em Letras, o desenvolvimento de reflexões acerca das práticas de ensino de leitura, produção textual e análise linguística;
- c) estimular a aplicação de conceitos da Linguística de vertente sociodiscursiva e sociointeracional nas práticas de ensino-aprendizagem de língua materna no Ensino Médio;
- d) propiciar, ao licenciando em Letras, o desenvolvimento da capacidade de reflexão, da autonomia docente, o espírito científico e a capacidade de utilizar os conhecimentos adquiridos no curso para aperfeiçoar sua prática pedagógica e profissional.

### **b) de ministrar**

No trabalho de orientação e supervisão aos estagiários ministrantes do curso, instigamos os professores em formação a recorrerem às próprias experiências de leitores e produtores de textos para também eles estimularem as turmas sob sua responsabilidade a ler e a produzir textos com criticidade e autonomia, buscando a autoria e a criatividade.

Nesse momento, recorreremos às teorias sociointeracionistas estudadas no curso de Letras para que os estagiários se posicionassem como coprotagonista da ação educativa e assim direcionassem o seu próprio trabalho docente.

É natural e desejável que o despertar dessa habilidade leve à terceira habilidade.

### **III- Terceira habilidade: ampliar o campo pedagógico**

Considerar o texto como unidade de trabalho pedagógico em língua portuguesa enfatiza a natureza da língua como atividade simbólica e dialógica. Por isso, mais do que “ampliar” o objeto de trabalho da palavra ou da oração, isso implica reconhecer a língua como um sistema complexo. Mais do que compreender a sua estrutura, esse trabalho pressupõe a construção de identidades na interação autor-leitor e o reconhecimento de que o texto é o ponto de encontro – e dispersão – das diversas habilidades que conduzem a essa construção.

Para que esse processo de reconhecimento seja possível, Possenti (1996, p. 21) assevera que “uma condição deve necessariamente ser preenchida, e com urgência: que haja uma concepção clara do que seja uma língua e do que seja uma criança (na verdade, um ser humano, de maneira geral).”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) explicitaram com caráter oficial e nacional a abordagem amplamente discutida nos meios acadêmicos, especialmente nos cursos de licenciatura, a que toma o texto como a unidade privilegiada no trabalho pedagógico. Mas a discussão nem sempre avança no sentido de ser colocada em prática no microcosmos em que deve se materializar: a sala de aula, especialmente a sala de aula da Educação Básica. Sair do universo teórico para a aplicação prática e efetiva é ainda um grande desafio para os estudantes de Letras.

Na expectativa de ver diminuída a distância entre o que se ensina na Universidade aos estudantes de Letras e a prática da sala de aula, propusemos uma ação de extensão que conjugou também o ensino e a pesquisa, tendo como objetivo despertar o prazer da leitura e a autonomia na produção de textos nos jovens candidatos ao ingresso na Universidade.

Essa ação implicou uma tomada de posição, em relação ao velho quadro do ensino de Língua Portuguesa. Olhar para o que temos para vislumbrar o que pretendemos, ainda nos espaços de formação docente. Na condição levantada por Possenti fazemos uma alteração no sentido de olhar e perceber o ser humano como nosso aluno: propomos que não se pode chegar a uma

resposta adequada aos questionamentos sobre como ensinar o que se aprende na escola, sem a reflexão sobre concepções de língua e suas consequências para as estratégias a serem adotadas no processo de ensino-aprendizagem.

### **Concepção de língua/linguagem dos Parâmetros Curriculares Nacionais**

Na concepção preconizada pelos PCNs (BRASIL, 1998a, p. 22), e que fundamentou o projeto do curso de extensão, a língua é vista segundo seu uso na sociedade, daí a linguagem ser compreendida como uma

forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta – diferentes práticas sociais das quais se pode participar. (...) Dessa perspectiva, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Partindo de tal perspectiva, o ensino tradicional de regras da gramática normativa de modo descontextualizado e fundado na memorização de nomenclaturas não se justifica. O desafio que hoje se impõe é o de promover práticas de ensino-aprendizagem orientadas por processos de ação-reflexão-ação, ou uso-reflexão-uso, de modo que “tanto o ponto de partida como a finalidade do ensino da língua seja a produção/compreensão de discursos”, isto é,

as situações didáticas são organizadas em função da análise que se faz dos produtos obtidos nesse processo e do próprio processo. Essa análise permite ao professor levantar necessidades, dificuldades e facilidades dos alunos e priorizar aspectos a serem abordados/discutidos. Isso favorece uma revisão dos procedimentos e dos recursos linguísticos utilizados na produção, o conhecimento e a aprendizagem de novos procedimentos/recursos a serem utilizados em produções futuras. Assim, os conteúdos são organizados em sub-blocos que remetem a práticas de uso da linguagem – de produção de textos, de leitura, de análise e reflexão sobre a língua (BRASIL, 1998a, p. 35).

O estudo de tal concepção de língua como prática social é oportunizado ao estudante de Letras ao longo de todo o curso, mas nos Estágios, mais especificamente, a discussão avança com mais ênfase na direção da dialética prática-teoria-prática, como um caminho crítico e



reflexivo em busca da superação de alguns impasses verificados na história da disciplina Língua Portuguesa, a exemplo do/a:

- legitimação e disseminação do preconceito linguístico, uma faceta do preconceito social contra camadas estigmatizadas (pela origem, classe social, gênero social, etnia etc.);
- visão dissimuladora das variedades linguísticas como exclusivamente associadas a diferenças geográficas;
- primazia do ensino pautado na reprodução, memorização e transmissão de conteúdos gramaticais;
- tratamento da leitura (isso quando proposta) como atividade obrigatória, monótona, monológica e orientada para a adivinhação “da interpretação autorizada”; além das temáticas disciplinadoras das leituras infanto-juvenis;
- tratamento da escrita (também quando há espaço para a escrita) como atividade obrigatória, monótona, monológica de preenchimento de linhas, em “tipos textuais” pré-determinados, para a correção subsequente do/a interlocutor/a professor/a;
- silêncio da sala de aula, em que o/a aluno/a não fala e, se fala, é de maneira assistemática (quando não “indisciplinar”), o que tende a associar oralidade a informalidade;
- equivocada equiparação entre “língua” e “norma padrão”, como se esta fosse “a mais correta” e a realmente utilizada pelos/as falantes brasileiros/as, deslegitimando as demais variedades, dentre outros problemas.

A compreensão crítica da linguagem como dinâmica, funcional, dialógica, ou seja, como parte integrante das práticas sociais, sociocultural e historicamente situadas, em que agimos e interagimos estabelecendo relações sociais em um mundo material concreto; representamos o mundo e as pessoas e, ainda, identificamos ao mundo, a nós mesmos/as e a outrem pela linguagem (RAMALHO & RESENDE, 2011; RESENDE & RAMALHO, 2006; no prelo), é a que, segundo as diretrizes nacionais da educação, condizentes com os avanços da Linguística moderna, deve orientar o ensino de português como língua materna.

O conhecimento desses pressupostos, por parte dos professores em formação, é essencial para um trabalho mais próximo do que preconizam as diretrizes e avaliações educacionais, uma vez que, como observou Kleiman (2008, p. 488):

uma das razões para as incertezas do professor face à mudança paradigmática profissional, que coincide com um ambiente de desprestígio e exacerbação dos docentes, é o desconhecimento, por parte do alfabetizador e do professor de língua portuguesa, das teorias de linguagem que embasam os

documentos oficiais, pois elas não fazem parte da maioria dos programas dos cursos de Pedagogia e Letras que os formam.

Conforme Fairclough (2001, 1995, p. 221), esse conhecimento contribui para “a formação de educadores/as críticos/as preparados para atuar em programas de consciência linguística crítica”, ou seja, em “programas que buscam desenvolver a capacidade das pessoas para a crítica linguística, incluindo capacidades de análise reflexiva do próprio processo educativo”. Como endossa Cox (2010, p. 181),

na atual conjuntura, se quisermos formar (e não apenas informar) professores de línguas com a densidade necessária para implementar de modo consequente a nova proposta curricular, temos de realizar escolhas. E a base de nossas escolhas seria o perfil de professores visualizado pelos documentos que estão regendo o ensino básico. Que cara deveria ter o curso de Letras que hoje habilita professores para atuar no Ensino Fundamental e Médio?

Concordamos com a autora que não podemos mais separar no curso de Letras “as disciplinas de língua das de linguística. Hoje um currículo sério não pode mais abalizar um estudo de língua que se faça à margem dos conhecimentos produzidos pela linguística”. Tendo em vista a preocupação e o compromisso de contribuir para a formação de professores/as de língua materna preparados/as para refletir criticamente sobre sua prática, para propor e executar ações coerentes com a consciência linguística crítica, é que oportunizamos nas dinâmicas de estágio docente espaços para reflexão e crítica sobre práticas docentes.

#### **IV- Quarta Habilidade: ser/estar professor**

Como a relação do professor com seu objeto de trabalho permeia suas estratégias, metodologias - enfim, as “escolhas” – que constituem seu cotidiano de sala de aula, as abordagens pedagógicas ou linguísticas que enfatizam o previsível, o controlável, o monológico – o estrutural, enfim – acabam por não contemplar o profundo redirecionamento do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa quando este não é centrado no texto.

Abordagens de educação que consideram o compromisso do profissional para além de sua formação técnica, nos termos de Paulo Freire, por exemplo, constituem a contrapartida pedagógica adequada para essa concepção de língua que se constrói dialogicamente, reconhece-se histórica e caracteriza-se por uma incompletude de sentidos.

Nessas abordagens, o contexto apropriado não apenas é reconhecido pelos interlocutores como também se torna elemento fundamental do fazer, tanto pedagógico quanto linguístico. Segundo Paulo Freire (1990, p.17) assim “como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da realidade homem-realidade.” Nesse prisma, há que se entender que o professor antes de ser profissional, é homem, e como tal deve ser

comprometido por si mesmo e não pode estar fora de um contexto histórico-cultural em cujas inter-relações constrói seu eu, conforme assegura esse educador.

Ser professor, sentir-se como tal, é muito mais do que a apropriação de um conjunto de conhecimentos, ou estratégias de ensino a serem repassadas a um grupo de aprendizes. Há que se construir uma relação dialógica e propiciar a interação sempre necessária aos atores do processo. Ser professor é fundamentalmente a apropriação de uma postura de estar em constante disposição para aprender e apreender as estratégias de ensino impulsionadas por uma mudança de postura que inicia na reflexão e desencadeia a ação. Ser professor de Língua Portuguesa na perspectiva apresentada pelos PCNs é estar disposto a fazer dos “acontecimentos” em sala de aula “acontecimentos discursivos” que encaminham para uma proposta de ensino que tome o texto como unidade privilegiada.

Nessa perspectiva, entendemos que o futuro professor precisa ser apresentado, ainda em sua formação inicial, a situações práticas de ensino que correlacionem as reflexões teóricas mais atuais sobre o caráter simbólico e dialógico da linguagem. E assim, desde o período de estágio entendemos que “O professor fala, mas sua palavra não é somente uma palavra *diante* da classe, é uma palavra *dentro, com e para* a classe.” E desse modo “os educadores concebem o conhecimento como processo, espaço conceitual, no qual professores e alunos constroem um saber novo”, conforme assevera Gusdorf (1995, p.1).

### **Considerações finais**

Ao tomar o ensino de Língua Portuguesa sob uma perspectiva interacional ou discursiva de linguagem, estaremos considerando que, mais do que tomá-la como uma estrutura que serve de veículo comunicativo, tomamo-la como algo que, além de tudo, constrói identidades e faz aderir o sujeito a papéis sociais. Nesse sentido, a proposta do curso “Ler com prazer, escrever sem medo: habilidades linguísticas em leitura e produção de textos” contribuiu para que os futuros professores pudessem reconhecer em todo o processo de planejamento, elaboração e ministração do curso uma perspectiva discursiva nestes procedimentos didáticos. Assim vivenciaram, primeiramente, como leitores e produtores, durante a preparação do curso, depois, como aplicadores do que já vivenciaram, que não é mais o indivíduo que fala ou produz um texto, um sujeito que se coloca em um lugar de origem de um determinado texto como ocorrência, mas na intersecção de vários intertextos como produtos de discursos historicamente construídos.

Na prática, ao construir a própria trajetória de leitor e produtor de textos, na gênese pedagógica, os futuros professores, ministrantes do curso compreenderam que o texto não é apenas uma unidade linear, uma sequência de sentenças compostas de palavras, mas um entrecruzamento histórico de coesão interna e exterioridade textual. Mais que planejar e ministrar um curso, os estagiários puderam compreender o sentido de interação decorrente das atividades didático-pedagógicas por eles experimentadas. Também compreenderam como as consequências dessa interação, quando o professor-aluno, com seus alunos, vivenciaram as múltiplas e nem sempre planejadas possibilidades de construção das competências linguísticas

a partir da compreensão inicial da concepção de língua como interação ou atuação social, quando as teorias linguísticas e abordagens pedagógicas convergem na prática coerente, confirmando o que diz Possenti (1996, p.15), ao afirmar ser necessário ao professor de língua portuguesa mais do que o saber técnico necessário “um conjunto de atitudes derivadas dos saberes acumulados”.

Essa ideia sintetiza o que se propôs no curso, e antes dele, na concepção da proposta do Estágio Supervisionado: ao professor de língua Portuguesa não cabe apenas saber o que ensinar, mas também refletir sobre as concepções teóricas que orientam sua prática e tomar consciência da coerência – ou não – entre as estratégias pedagógicas que adota e seu objeto de trabalho.

Assim, as implicações que mais de imediato puderam ser notadas na prática desses estudantes professores e nas atividades dos alunos da Educação Básica, matriculados no curso, segundo propõe Coroa 2001 foram: a linguagem considerada como mediação simbólica, em que o usuário da língua se constitui como sujeito, diferenciando-se de “objeto” pelas escolhas no processo cultural; o dialogismo que se instaura na linguagem como trabalho e na ação do homem pela linguagem, para dar forma ao mundo e a ele próprio no seu lugar nesse mundo, com a tomada de consciência das opções nesse processo; a interação entre sujeitos históricos (professor e alunos) que ultrapassam, na construção do conhecimento, o que se convencionou rotular de forma e de conteúdo da linguagem.

Do ponto de vista mais próximo da língua portuguesa reconhecemos, nessa mudança de postura, algumas significativas mudanças de foco: da ênfase na gramática, ou na metalinguagem, para o uso da língua; do privilégio da norma culta como ideal de língua para a norma culta convivendo com variantes linguísticas; da leitura e escrita concebidas como decodificação e silêncio para a leitura e escrita como compreensão ativa e reflexão crítica; do erro como violação da norma de prestígio para o erro como inadequação a situações de uso.

Uma última observação, de caráter mais teórico, se faz ainda necessária: alguns conceitos, como linguagem, língua, história, educação, processo, interação, dialogismo, sujeito foram aqui tomados de forma panorâmica, pois o objetivo aqui foi o de estabelecer um diálogo entre abordagens linguísticas e pedagógicas na formação do professor de língua portuguesa, ao se encontrar efetivamente no campo de estágio.

## Referências Bibliográficas

COROA, Maria Luiza Monteiro Salles. Diferentes Concepções de Língua na Prática Pedagógica. *Revista do GELNE*, Vol. 3, nº2, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad./org. Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. (Original: *Educacion y cambio*. Trad. M. Gadotti e L.L.Martin). São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GUSDORF, G. *Professores para quê?* (Original: *Pourquoi des professeurs?* Trad. C. Saterschi) São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ILARI, Rodolfo. *A Linguística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Angela. Os estudos de Letramento e a formação do professor de língua materna. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 3, 2008, p. 487-517.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. O papel da gramática no ensino de Língua Materna, ou por que nossos alunos “não sabem Português”. In: *Athos & Ethos* V. 2, Patrocínio, 2002, p. 299-324.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. Alguns aspectos do ensino de gramática na escola: uma proposta de reflexão. *Letras & Letras, Uberlândia* 21 (1) 219-233, jan./jun. 2005. p. 219-233.